

O Valor da Existência da Humana em Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Licenciado e Bacharel em Filosofia Pela
Universidade Federal de Mato Grosso.
E-mail: saviolaet@yahoo.com.br

1.1) Introdução

É difícil para uma sociedade hedonista, como a nossa, lidar com valores transcendentos. Como são embaraçosas aos ouvidos hodiernos as passagens evangélicas em que nosso Senhor nos convida a renunciarmo-nos a nós mesmos, tomarmos a nossa cruz e para segui-lo.¹ Mesmo os mais piedosos, tremem ao ouvir a voz de Cristo a lhes dizer que os tesouros que ajuntamos na terra, ferrugem e traça os corroerão e que é preciso, pois, ajuntar tesouros nos céus onde os ladrões não roubam e as ferrugens e traças não corroem.²

Num mundo materialista como o nosso, onde procuramos a todo instante - em nome de uma felicidade terrena - a longevidade, o gozo e a fuga da dor, é impossível absorver a ordem do Senhor, segundo a qual se deve amá-lo acima da própria vida.³ Os homens do nosso tempo vivem desesperados com a exasperação da vida e se lançam em angustias diante da impossibilidade do afastamento da morte.

Não devemos, como crentes, ou mesmo como filósofos, absolutizar esta existência. Devemos respeitá-la desde a sua origem e até o último suspiro. Mas, ao mesmo tempo, devemos estar cientes de que ao findar esta existência

¹ Mateus 16, 24.

² Mateus 6, 19-21.

³ Lucas 14, 26.

outra se inicia, uma vida além túmulo nos espera: “Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra, pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.”⁴

A felicidade última do homem, sua realização derradeira, não está na conservação da existência terrena; embora esta seja um bem precioso, não é o bem maior. Existem valores maiores que a própria vida, perdê-la por causa maior é conservá-la, e conservá-la por mediocridades é verdadeiramente perdê-la.⁵ A felicidade perfeita, a vida verdadeira não encontrá-las-e-mos nas esquinas desta vida, mas sim no amanhecer de uma outra existência: “Se temos esperança em Cristo somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os homens.”⁶

É preciso, pois, viver segundo os ditames que exige o nosso fim último; em todas as nossas ações, uma gota de transcendência deve haver; um fim ultra-terreno impõe valores abertos: “(...) não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente (...)”.⁷

1.2) A Atualidade da Doutrina Tomista

Santo Tomás de Aquino era um espírito liberto dos vícios, realista moderado e alheio a qualquer alienação. Não aceitava a negação do corpo, mas tampouco se rendia a pseudo-humanismos; como bom aristotélico sabia dosar bem qual fosse o meio-termo onde se encontrava a virtude. Se reconhecia o valor do corpo por um lado, não esgotava a vida humana numa mera existência terrena.

Fiel aos fatos, Tomás observa quão grande é o valor da pessoa humana, exemplifica a superioridade da criatura racional sobre as demais substâncias; mostra-nos onde reside precisamente a grandeza da racionalidade que é no livre-arbítrio.

⁴ Colossenses 3, 2 e 3.

⁵ Mateus 10, 39; 17,25.

⁶ I Coríntios 15, 19.

⁷ Romanos 12, 2.

Alerta-nos, entretanto, que o homem não irá encontrar nunca em si mesmo o bem supremo ao qual aspira; faz-nos ver nitidamente que não será na posse das coisas que nos rodeiam que encontraremos o nosso repouso definitivo.

1.3) As Fases do Nosso Texto

Faremos neste texto apenas uma pequena meditação, reflexão que não busca ir além do que levantar uma questão que a posteriori poderá ser desenvolvida por outros mais competentes que nós.

Em algumas linhas, tentaremos pincelar a urgente atualidade da doutrina tomista, sua justa visão da realidade e seu aguçado senso crítico que nunca se cansa de buscar a verdade e só a verdade.

Delinearemos qual seja o conceito de pessoa em Tomás de Aquino e a importância desse conceito. Procuraremos evidenciar a diferença entre ato humano e ato do homem, bem como em que consiste esta distinção. Por fim, diremos algo a respeito do fim último do homem e qual deverá ser a atitude do homem frente a este fim. E por fim esperamos deixar claro que o Aquinate não é nem *personalista* e nem *existencialista*.⁸

1.4) A Definição de Pessoa em Santo Tomás de Aquino

1.4.1) A Definição de Hipóstase

O universal e o particular se encontram em todos os gêneros do ser; todavia, é no gênero substância que, particularmente, encontramos o indivíduo. Pois, enquanto os acidentes subsistem como indivíduos nas substâncias, as substâncias, por sua vez, são individuadas por si mesmas. Diz-se, por exemplo, que o acidente da brancura está neste sujeito, mas este sujeito é este sujeito por

⁸ Referimo-nos ao *personalismo* e *existencialismo* não-cristão. O que não impede que possamos construir, de forma criteriosa, um personalismo ou mesmo um existencialismo cristão.

ele mesmo, e não por estar em outro sujeito. Aos indivíduos do gênero substância, que subsistem em si mesmos, damos o nome de *hipóstases* ou *substâncias primeiras*:

O universal e o particular se encontram em todos os gêneros. Entretanto, de maneira especial o indivíduo se encontra no gênero substância. A substância, com efeito, é individuada por si mesma. Mas os acidentes o são, pelo sujeito, isto é, pela substância: diz-se por exemplo esta brancura, enquanto está neste sujeito. É conveniente, portanto, dar aos indivíduos do gênero substância um nome especial: nós os chamamos de *hipóstases* ou *substâncias primeiras*.⁹

1.4.2) O Conceito de Pessoa

O particular e o individual se encontram de maneira ainda mais especial e perfeita nas chamadas substâncias racionais. Isto se dá pelo fato de as substâncias racionais possuírem domínio sobre seus atos. Com efeito, as substâncias racionais não são necessariamente levadas a agir por causalidade natural, elas podem desencadear uma causalidade própria. Destarte, as substâncias racionais se distinguem das demais substâncias, visto que possuem a capacidade de agirem por si mesmas. É a estas substâncias intelectuais que, além de serem individuadas por elas mesmas, são também capazes de agir por si mesmas, que chamamos de *pessoa*:

O particular e o indivíduo realizam-se de maneira ainda mais especial e perfeita nas substâncias racionais que têm domínio de seus atos e não são apenas movidas na ação como as outras, mas agem por si mesmas. Ora, as ações estão nos singulares. Por

⁹ Tomás de Aquino. **Suma Teológica**. I, 29, 1, C.

isso, entre as outras substâncias os indivíduos de natureza racional têm o nome especial de *pessoa*.¹⁰

1.5) O Homem Enquanto Pessoa: Atos Humanos e Atos do Homem

O homem é uma pessoa, portanto ele é capaz de agir por si mesmo e ser senhor dos seus atos. A diferença específica entre o homem e os outros animais está justamente no fato de ele poder ter o domínio sobre suas ações. Daí serem ações propriamente humanas somente aquelas sobre as quais o homem tem domínio. A estas ações, damos o nome próprio de ações humanas, ou seja, ações do homem enquanto homem:

Das ações realizadas pelo homem, são ditas propriamente *humanas* as que pertencem ao homem enquanto homem. O homem diferencia-se das criaturas irracionais por que tem o domínio sobre os seus atos. Por isso, somente são ditas propriamente humanas aquelas ações sobre as quais o homem tem domínio.¹¹

Vimos que a substância racional se diferencia da irracional, por possuir o domínio sobre os seus atos. Aduzimos ainda que é por ser a substância intelectual senhora de seus atos que damos a ela o nome distinto de *pessoa*. Constatamos também que o homem é uma substância racional e, portanto, uma pessoa. Logo, terminamos por inferir que o homem é capaz de agir por si mesmo.

1.5.1) O Conceito de Livre–Arbítrio

As faculdades pelas quais o homem pode ter o domínio dos seus atos são *a razão e a vontade*. Ora, ter domínio sobre seus atos é possuir *livre-*

¹⁰ Idem. Idem.

¹¹ Idem. Idem. I-II, 1, 1, C.

arbitrio. Doravante, o livre-arbitrio é o corolário da vontade e da razão. Desta feita, as ações do homem que não procedem da vontade e da razão, ou seja, aquelas cujo domínio escapa a essas faculdades, serão chamadas *ações do homem*. Serão chamadas ações próprias do homem, mas não *ações propriamente humanas*, pois não procedem do homem enquanto substância racional:

Ora, o homem tem domínio de suas ações pela razão e pela vontade. Donde será chamada de livre-arbitrio a *faculdade da vontade e da razão*. Assim sendo, são propriamente humanas as ações que procedem da vontade deliberada. Se outras ações, porém, são próprias do homem, poderão ser chamadas *ações do homem*, mas não propriamente humanas, pois não são do homem enquanto homem.¹²

Podemos discriminar no que consiste o livre-arbitrio. O Livre arbitrio, esta faculdade da vontade e da razão, consiste em não agirmos por necessidade ou por instinto natural: “Temos livre-arbitrio com relação às coisas que não queremos por necessidade ou por instinto da natureza.”¹³ Toda ação que procede da causalidade natural, não é ação propriamente humana, mas do homem. Toda ação que é causada pela razão e pela vontade, é ação propriamente da pessoa humana.

1.5.2) Somos Livres Por Sermos Pessoa

Somos pessoas não por sermos livres, mas, ao contrário, somos livres por sermos pessoas. O ser pessoa precede o ato da mesma. O livre-arbitrio procede do nosso ser substância racional e não o contrário. Logo, não é o fato de agirmos com livre-arbitrio que nos faz pessoas, e sim, podemos agir com livre-arbitrio porque somos pessoas.

¹² Idem. Idem.

¹³ Idem. Idem. I, 19, 10, C.

1.5.3) Todas as Ações Humanas Têm um Fim

Todas as ações obedecem à potência pela qual são causadas, destinam-se a alcançar o objeto da potência que as causa. São, pois, ações humanas as causadas pela potência da vontade esclarecida pela inteligência. Ora, o objeto da vontade é o fim e o bem. Logo, todas as ações humanas visam a um fim e a bem:

É também evidente que todas as ações que procedem de uma potência, por ela são causadas de acordo com a razão de seu objeto. O objeto da vontade é o fim e o bem. Logo, é necessário que todas as ações humanas tenham em vista um fim.¹⁴

1.6) O Fim Último do Homem Não é o Homem, mas Deus

O fim ao qual o homem visa é o fim último de todas as coisas, o sumo Bem, Deus.¹⁵ Logo, o homem tende a outra coisa como para seu fim. Ora, é impossível que aquilo que se ordena a outra coisa como para seu fim, tenha em si mesmo o seu fim.¹⁶ Como o comandante não visa a conservação do barco senão para que ele navegue, assim o homem é entregue à sua vontade e à sua razão para por elas ser dirigido a Deus.¹⁷ Sendo que o homem tem em Deus o seu fim

¹⁴ Idem. Idem. I-II, 1, 1, C.

¹⁵ Tomás de Aquino. **Suma Contra os Gentios**. III, XVII, 1 (1990): “Logo, todas as coisas se ordenam, como para seu fim, para um só bem, que é Deus.”; Idem. Ibidem. 8 (1997): “Logo, Deus é o fim último de todas as coisas (Deus igitur est ultimus omnium finis)”. (O parêntese é nosso).

¹⁶ Idem. **Suma Teológica**. I-II, 2, 6, C: “(...) é impossível que o último fim daquilo que se ordena a outra coisa como para seu fim, seja a sua conservação no existir.”

¹⁷ Idem. **Idem**: “Por isso, o comandante não visa como último fim a conservação do barco que lhe foi entregue, porque o barco está ordenado para outra coisa como para seu fim, a saber, o navegar. Assim como o barco é entregue ao comandante para que ele o dirija, o homem é entregue à sua vontade e razão (...)”.

último, ele não tem em si o seu fim último. Se ele não tem em si o seu último fim, ele não é o seu bem supremo. Doravante é, pois, para Deus e não para a conservação do existir humano – em última instância - que a razão e a vontade último dirigem o homem:

Isso evidencia que o homem se ordena para alguma coisa como fim, pois o homem não é o sumo bem. Donde ser impossível que o último fim da razão e da vontade seja a conservação do existir humano.¹⁸

1.7) Conclusão

Pensando assim, é razoável que uma mãe dê a sua vida para que seu filho possa nascer; que uma esposa ou esposo não se renda ao “*direito de ser feliz*” para renunciar ao seu casamento; que ninguém pense que a morte será a última palavra. Os padres também são exemplos eloqüentes daqueles que deixam o bem maravilhoso do casamento por amor ao reino dos céus.¹⁹

É um dever renunciar a um mal para abraçar a um bem, mas virtude ainda maior é renunciar a um bem por outro maior: “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém.”²⁰ A vida, pois, não é para ser conservada, mas para ser utilizada. Abertos ao inestimável dom da existência, não sejamos, contudo, avarentos de nós mesmos.²¹

¹⁸ Idem. Idem.

¹⁹ Mateus 19, 10-12.

²⁰ Coríntios 7, 12.

²¹ Jean-Louis Bruguès. **A Bem Aventurança: Introdução e Notas**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. Nota g: “A vida não é feita para ser conservada, mas para ser utilizada. Sto. Tomás parece sugerir que cada um de nós é ameaçado por uma forma de avareza de si.”

Como uma alma que se sabe imortal porque imaterial, não situaria num futuro ultraterrestre o termo de seus desejos e seu verdadeiro Soberano Bem?²²

²² Etienne Gilson. **A Filosofia na Idade Média**. p. 669.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia de Jerusalém. Trad. Estêvão Bittencourt et al. Rev. Ivo Storniolo São Paulo: PAULUS, 2002.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995.

JEAN-Louis Bruguès. **A Bem Aventurança: Introdução e Notas.** Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. Nota g.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios.** Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

_____. **Suma Teológica.** Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I e I-II.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.